



VI KEELAND
PENELOPE WARD

*Para se
divertir,
é só
ligar...*

UM CONTO

 **essência**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

VI KEELAND
PENELOPE WARD

*Para se
divertir,
é só
ligar...*

UM CONTO

Tradução
Débora Isidoro



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Penelope Ward e Vi Keeland, 2020

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022

Copyright da tradução © Débora Isidoro

Todos os direitos reservados.

Título original: *For a Good Time Call*

Preparação: Andréa Bruno

Revisão: Tamiris Sene e Ligia Alves

Diagramação: Futura

Capa: Renata Vidal

Imagens de capa: CURAphotography/ Shutterstock

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Keeland, Vi

Para se divertir, é só ligar [livro eletrônico] / Vi Keeland, Penelope Ward;
tradução de Débora Isidoro. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.
?? Mb ; ePUB

ISBN 978-85-422-2004-9 (e-book)

Título original: *For a good time call*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Ward, Penelope III. Isidoro, Débora

22-6083

CDD 813.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

2022

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986 – 4ª andar – Consolação

01415-002 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

Summer ergueu sua margarita.

— A outro mês de sol, areia e sexo.

Charlie e eu levantamos nossas taças e nós três brindamos.

Eu suspirei.

— Dois de três não é tão ruim, né?

Summer sorriu.

— Da próxima vez que for à praia e um cara sarado perguntar o que você faz e você disser que é *cosmologista* e ele achar que você trabalha com cabelo e maquiagem, talvez seja melhor só balançar a cabeça e mexer no cabelo. Talvez você pareça mais interessante.

Meu queixo caiu. Antes que eu pudesse responder, Charlie apontou para minha boca e balançou a cabeça.

— Isso, assim também funciona. Abre a boca, Lo. Desse jeito você vai se dar bem até o fim da noite.

Mostrei a língua para as duas.

— É sério, Lo. — Charlie apoiou a taça na mesa. — Viemos nos divertir, mas na metade das vezes em que a gente sai você não vem e fica com o nariz enfiado em um livro. Que diversão é essa?

— Eu gosto de ler!

Summer bebeu um gole da margarita.

— Leia em setembro, quando voltar a trabalhar no doutorado com seus amigos nerds. Agora nós estamos curtindo o verão em uma casa de praia em Fire Island. A única coisa que você tem que ler é o cardápio de bebidas.

— Na verdade — opinou Charlie —, você também devia ler a placa na porta do toailete. Summer entrou duas vezes no banheiro masculino daquele bar no fim da rua.

Summer piscou.

— E na primeira vez foi por engano.

Todas nós rimos. Mas, infelizmente, minhas amigas estavam certas. Apesar de ter relaxado muito nas últimas seis semanas, desde que chegamos, uma parte de mim sentia que eu não estava aproveitando como deveria.

Com um dedo, limpei a linha de sal da borda da taça de margarita e levei à boca.

— Vou dizer uma coisa, mas vocês têm que prometer que não vão rir da minha cara.

Minhas melhores amigas sorriram e falaram juntas:

— Rir da sua cara? Nós?

Não tive como não gargalhar. Summer, Charlie e eu éramos as Três Mosqueteiras desde o ensino fundamental. Se uma de nós não estava rindo e brincando, era porque tinha alguma coisa errada.

Eu tinha certeza absoluta de que iria me arrepender dessa confissão, mas decidi desabafar assim mesmo.

— Acho que esqueci como é me divertir.

Em vez de rir, minhas amigas franziram a testa. Summer segurou minha mão sobre a mesa e a afagou.

— Ah, querida. Você não esqueceu. Aquele chato do Nathan sugou sua vida pouco a pouco nos últimos cinco anos.

Eu ri.

— Talvez. Mas, seja lá como isso aconteceu, o que importa é que eu não sei mais me divertir.

— Bom, pra começar — disse Charlie —, você precisa parar de pensar demais em tudo.

— Eu não penso demais em tudo.

Charlie arqueou uma sobrancelha.

— O que você disse quando eu perguntei se queria beber margarita ou daiquiri esta noite?

Refleti um pouco.

— Eu disse que margarita tem muito sal. Eu amo, mas me faz reter líquido. E também faz a pressão subir. Mas daiquiri tem muito açúcar. E estou tentando consumir menos açúcar, porque meu pai era diabético.

Minhas amigas ficaram me encarando.

— Que foi?

— De qual você *gosta* mais, Lo? Qual é mais *gostoso*? O que faz você querer levantar as mãos e dançar como se não tivesse ninguém olhando?

Deixei cair os ombros.

— Ah. Acho que vocês têm razão.

— Nem tudo precisa ser uma escolha lógica — disse Summer. — Tudo bem, de vez em quando, fazer alguma coisa só porque é divertido.

Charlie moveu as sobrancelhas.

— Tipo aquele cara de ombros largos que eu peguei na semana passada. Foi bem divertido.

Summer acenou para o bartender.

— Ei, Eddie!

— Pois não, Ruiva?

— Pode me emprestar uma caneta?

Eddie foi até o caixa e abriu a gaveta. Pegou uma caneta e a empurrou para o outro lado do balcão.

— Vai finalmente me dar seu telefone, Ruiva?

Summer piscou, exagerando no charme.

— Você sabe que é novinho demais pra mim, Eddie.

Eddie Edwards era o dono do Salty's, o barzinho mais próximo da casa que alugamos. Não era o lugar mais popular, mas sempre passávamos por ali antes de ir para um dos bares mais movimentados da cidade. Eddie devia ter sessenta e poucos anos, servia os clientes descalço e sem camisa e vendia pranchas de surfe artesanais em um barracão ao lado do bar. Ele também flertava descaradamente, como Summer, e os dois se deram muito bem desde a noite em que chegamos. Depois que ele se afastou, Summer pegou um guardanapo do suporte sobre o balcão e apoiou a caneta nele.

— Muito bem. Vamos dar um jeito nisso como fazíamos quando éramos crianças e uma de nós tinha um problema... com um pacto.

Ela escreveu “Pacto do Verão Divertido” na parte de cima do guardanapo e sublinhou as palavras duas vezes.

Eu havia esquecido completamente os pactos que nós três fazíamos. O primeiro foi no terceiro ano, quando Charlie teve que usar um aparelho de metal

no rosto para corrigir um problema sério de mordida. Ela ficou com medo de que as pessoas pensassem que não era descolada. Então nós três fizemos um pacto: “Ser Nerds Juntas”. Ainda lembro de algumas regras.

Pegar dicas de moda com as nossas mães.

Sempre carregar pelo menos três livros no caminho para a escola, mesmo que não tivesse lição de casa.

Colecionar Crocs de várias cores.

Ao longo dos anos, criamos dezenas de pactos do tipo. Mas, depois do último, o que envolvia minha virgindade e que ainda não nos permitíamos discutir, acho que demos um tempo.

— Muito bem... regra número um — disse Summer. — “Ser espontânea.” Se aparecer uma oportunidade para se divertir, aproveite. Não analise demais.

— A menos que seja perigoso — acrescentei.

Charlie revirou os olhos e apontou para o guardanapo.

— Ponha entre parênteses que nós vamos determinar por voto se uma coisa é perigosa.

Balancei a cabeça.

— Ah, é, isso me faz sentir muito segura, com vocês duas.

— Próxima regra — anunciou Charlie. — “Contar uma piada para um estranho todos os dias.”

Essa não era tão ruim. Assenti.

— Gostei. Conheço uma tonelada de piadas de astronomia que aposto que a maioria das pessoas nunca ouviu.

Charlie apontou para o guardanapo.

— Ponha entre parênteses... “Nada de piadas de astronomia.” Ou que tenham a ver com ciência, aliás.

— Boa ideia. — Summer escreveu no guardanapo. — E a número três, que tal... abandonar a corrida como nossa atividade física? De agora em diante vamos pular corda, corda dupla, saltitar pela cidade, organizar um jogo de queimada e pular amarelinha.

Bebi o resto da minha margarita.

— Adorei essa!

Summer riu.

— Porque você bebe pouco e a tequila já subiu pra sua cabeça.

Eu estava me sentindo muito bem. O que me fez lembrar... Dessa vez fui eu que aponteí para o guardanapo.

— Vamos fazer uma festa em casa.

— Agora você mandou bem!

Quando terminamos de criar nosso pacto de verão, tínhamos rido muito e estabelecido dez regras. Eu também estava bem alegre depois da segunda margarita. As coisas já estavam ficando mais divertidas.

— Amo vocês. — Sorri para minhas duas amigas. — Obrigada por me fazerem passar o verão aqui com vocês. Eu estava precisando disso.

— Ah, não. Entramos na fase “amo vocês” da bebedeira da Lola. É melhor pedir água, senão vamos pular a fase da dancinha coreografada e passar direto para a fase de segurar o cabelo em cima do vaso.

Fiquei em pé e desprezei a preocupação das duas.

— Estou bem. Não sou tão fraca pra bebida quanto vocês pensam. Mas preciso ir ao banheiro. Já volto.

No banheirinho unissex no fundo do bar, percebi que estava um pouco mais bêbada do que imaginava. Apesar de usar sandálias sem salto, mal conseguia me equilibrar sobre o vaso para fazer xixi. Um pouco de água podia ser uma boa ideia, afinal.

Enquanto usava o banheiro, pensei no que havíamos conversado no bar pouco antes. Eu tinha as melhores amigas que alguém podia ter. Apesar de debocharem muito de mim, Summer e Charlie nunca me deram conselhos ruins. Então decidi ali que não deixaria o resto do verão passar em branco. É claro, eu me divertia relaxando na praia e lendo. Mas tinha vinte e quatro anos, havia acabado de terminar um relacionamento chato de cinco anos, queria viver um pouco. Mesmo que estivesse fora da minha zona de conforto, ia seguir as regras do nosso pacto. A partir de agora, eu seria uma nova Lola. E essa Lola não ia pensar demais. Ela viveria o momento e experimentaria coisas que nunca tinha feito na vida.

Respirei fundo e dei descarga, me sentindo animada com o resto do verão. Esta noite marcaria o começo de coisas boas. Eu podia sentir na pele. Na verdade, não via a hora de lavar as mãos e voltar lá para fora. Sorrindo, levei a mão ao trinco do reservado e foi nesse momento que vi alguma coisa escrita no alto da porta.

“Para se divertir, ligue 409-5420”

Hum.

O que será isso?

Na minha cabeça anestesiada de margarita, decidi pôr em prática a decisão de ser um pouco mais divertida durante o verão. Quem não quer *se divertir*, né?

Ri baixinho enquanto ligava para aquele número.

Depois de alguns toques, uma voz masculina e profunda atendeu.

— Aa-lô.

Merda. Eu não tinha planejado exatamente o que ia dizer se alguém atendesse.

— E aí? — eu disse, com animação.

— E aí? — ele imitou, debochado.

— Fiquei sabendo que as pessoas ligam para esse número quando querem se divertir aqui na ilha. — Fechei os olhos, me sentindo ridícula.

— Como é que é? — a voz ríspida vibrou em meu ouvido.

— Quem está falando? — perguntei.

— Quem está falando *aí*? — a voz gritou.

Solucei.

— Você primeiro.

— Mark. — A resposta foi brusca, quase violenta, como se a palavra Mark fosse um xingamento, o primeiro nome que passou por sua cabeça — um nome que não era dele.

— Eu sei que você está mentindo. Você não tem voz de Mark. E Mark nem é um nome suficientemente excitante para o... Sr. Diversão. — Ri baixinho.

— Isso é alguma brincadeira? Não tenho tempo pra essa merda.

— Seu número é 409-5420, não é?

Ele suspirou, irritado.

— É.

— Há quanto tempo você tem esse número?

— Não sei... uns dez anos, talvez?

— Você deve morar na área, se o seu número foi anotado aqui. Conhece o Salty's?

— O bar? Conheço.

— Há quanto tempo o Salty's existe?

— É novo. O Eddie abriu há poucos anos.

— Então é você. O número é seu. Você é o Sr. Diversão. Alguém acha que, para se divertir, as pessoas devem ligar pra você. Seu número está escrito aqui na porta do banheiro.

— Porra! Quem faria uma coisa dessas?

Encolhi os ombros.

— Quem escreveria o número de telefone de um homem na porta de um banheiro? Eu que pergunto.

— Não. Quem *ligaria* para um número escrito na porta de um banheiro? Você deve estar bem entediada... ou desesperada.

Ah. Ele não estava errado quanto ao tédio.

— Bom, eu arrisquei. Pensei em ligar, descobrir o motivo de tanta publicidade. É claro que a promessa de diversão é mentirosa. Quem liga para o seu número encontra só um pau no cu arrogante.

— Quanto *sal* você já consumiu hoje?

— O suficiente.

— Dá pra perceber.

— Olha só... desculpa. Vacilei. Você tem toda a razão. Estou entediada... entediada com a vida. Ligar para o seu número foi um impulso, um jeito de me desafiar. Pensei que ia encontrar um pouco de diversão do outro lado da linha. Minhas amigas e eu prometemos ser espontâneas. A regra número um do nosso pacto é não deixar passar uma oportunidade para se divertir, agarrar essa oportunidade sem analisar nada. Eu tive um ano difícil, acabei de sair da porcaria de um relacionamento de cinco anos e só pensei que o número fosse um sinal de que eu devia me divertir um pouco. Ligar pra você foi um erro. Enfim, estou falando demais. Eu...

O tom da voz se tornou mais suave.

— Como é seu nome?

Suspirei.

— Lola.

— Soa tão falso quanto Mark.

— Mas não é. Esse é meu nome verdadeiro. A música preferida da minha mãe era “Copacabana”, do Barry Manilow. Ela era uma fãnilow. Meus amigos me chamam de Lo.

— Lo. Tipo Fã-ni-low.

— É, acho que sim.

Ele gargalhou. Olhei para meus sapatos e fiquei ouvindo o cara rir da minha cara até ele falar novamente.

— Que conversa ridícula.

Esse homem, seja ele quem for, acredita que o meu lugar é no manicômio, e ele pode estar certo.

Eu estava quase desligando quando ouvi:

— Meu nome é Silas.

— Esse é seu nome de verdade?

— É claro. O que eu tenho para esconder de uma voz bêbada que diz se chamar Lola, está entediada e provavelmente nem vai lembrar disso amanhã?

— Não estou tão bêbada. Perdi um pouco a inibição, mas vou lembrar, infelizmente.

— E o que você está fazendo escondida no banheiro do Salty's, afinal?

— Procurando diversão?

— Isso já ficou claro.

Eu ri baixinho.

Ele riu de novo. Sua risada era bonita, profunda, sexy. E agora eu estava oficialmente doida se me sentia excitada por causa de uma voz.

— Aluguei uma casa aqui para passar o verão com minhas amigas — contei.

— E... você disse que terminou um relacionamento ruim? O que tinha de ruim nele?

Por onde eu começo a responder essa?

— Falta de química, falta de respeito por mim... A lista é grande, e eu me arrependo de ter perdido meu tempo. A única coisa boa de estar em um relacionamento, mesmo que seja ruim, é não estar sozinha. Acho que foi por isso que eu demorei tanto tempo para terminar. Tinha medo de ficar sozinha.

— Você se sente sozinha? Foi por isso que me ligou?

Minha voz tremia quando respondi com honestidade brutal.

— Sim. Um pouco, talvez.

A voz rouca soou mais baixa.

— Está sozinha no banheiro, Lola?

— Estou.

Alguma coisa mudou na voz dele.

— E quer se divertir, é?

Para onde essa conversa está indo?

Fiquei um pouco ofegante.

— Sim.

— Como você está vestida? — De repente, a voz dele soava meio carente. Meu coração disparou quando me apoiei na parede do reservado e precisei olhar para baixo para lembrar.

— Um vestido branco e curto.

— E embaixo dele?

Saí do torpor por um momento.

— É sério que você está tentando transar comigo por telefone agora?

Ele riu.

— Por que você ainda não desligou? Eu só estava tentando ver até onde conseguia ir. Não esperava que você praticamente *gozasse* quando eu perguntei se estava sozinha.

Meu Deus. Que babaca.

— Eu não... praticamente gozei. Só estava... ah, esquece.

Houve um longo momento de silêncio, durante o qual tudo que eu conseguia ouvir era minha respiração pesada.

A voz dele ficou mais baixa outra vez.

— E aí, que tipo de lingerie, Lola?

Pigarreei e respondi:

— Renda nude. Mas não vou mais cair na sua armadilha. Não sei se o lance do sexo por telefone é sério ou se agora você só está debochando de mim.

Ele riu.

— Tudo bem. É o seguinte: você quer mesmo sexo por telefone? Liga amanhã à noite nesse número quando estiver sóbria. Se você ainda estiver a fim, a gente pode fazer de verdade.

A ideia – sexo por telefone com essa voz profunda, rouca – despertou os músculos entre minhas pernas, apesar da resposta que eu dei em seguida.

— Não, não vai rolar.

— Ah. Tudo bem. Bom, você tem meu número.

— Por que eu ligaria para um cara que só me tratou com grosseria pra fazer sexo por telefone?

— Porque você está entediada e sozinha, lembra?

— Sério, quem é você?

— Já falei. Meu nome é Silas.

— Mora em Fire Island?

— Sim. No verão.

— Fala alguma coisa sobre você... o verdadeiro você.

Depois de alguns segundos, ele respondeu:

— Tenho um braço fechado de tatuagens. Você sabe meu nome e uma característica que pode me identificar. Esse é o seu sapatinho de cristal. Mas, gata, pode acreditar, eu não poderia ser mais diferente da porra da Cinderela.

